



MENSAGEM

25 DE ABRIL - 20 ANOS. Há precisamente 20 anos, os capitães de Abril, tomando consciência da natureza do regime que oprimia os portugueses e da injustiça e inutilidade em prolongar uma guerra sem sentido, decidiram abrir-lhes as portas à liberdade e à democracia.

Para trás ficava um velho regime de ditadura fascista-colonialista e abriam-se perspectivas de uma vida melhor. Para trás ficavam, esperava-se que para sempre, um regime autoritário, de verdade única, de um só partido, de absoluto controlo da pessoa humana; um sistema liberticida, onde os direitos e as garantias dos cidadãos se concebem em função do próprio sistema e dos seus próceres; a polícia política, a ameaça permanente, as perseguições, a repressão estudantil e sindical, o esmagamento das oposições, as prisões políticas, os tribunais plenários, as medidas de segurança, a militarização da juventude e do cidadão; a censura, a propaganda, a polícia do espírito; o regime da "superstição das obras", feitas à custa da dignidade dos cidadãos; o regime da emigração massiva, da ignorância, do medo, da doença, do analfabetismo e da pobreza; o isolamento internacional, com uma violenta crítica e condenação nas mais diversas instâncias internacionais; o colonialismo e a guerra.

A liberdade, retomada pelo povo português a partir de 25 de Abril de 1974, é o fundamento do regime actual. Mas a liberdade, por si, não soluciona os problemas de uma sociedade. São os cidadãos munidos da liberdade como instrumento, que transformam o sistema a que pertencem, que interferem nos caminhos do seu próprio destino, que se aproximam das soluções mais desejadas. Não há liberdade sem cidadãos, como não há cidadãos sem liberdade. Os capitães de Abril, compreendendo-o desde o início, souberam, num gesto historicamente incomparável, deixar nas mãos dos cidadãos o que aos cidadãos pertencia.



Não podemos lamentar o regime da liberdade. Devemos, sobretudo, intervir, a partir da nossa liberdade. Propor, transmitir, lutar pelos valores em que acreditamos; denunciar os abusos, os esquecimentos, os desvios; participar na mudança, na alternativa, na diferença. Ser livre, verdadeiramente livre, é talvez mais difícil do que o não ser - no que exige de responsabilidade, de empenhamento, de esforço quotidiano.

Hoje, vivemos em democracia. Por isso, porque ela própria é, por definição, crítica e exigente, não nos cansamos de repetir tudo o que lhe falta, tudo o que está mal. Posição correcta, posição necessária, mas nem por isso mesmo, totalmente justa.

A democracia não é um fim, mas sim um meio.

Muito falta fazer. Mas, na verdade, muito foi feito, e só o poderia ter sido com o 25 de Abril.

Tenha-se ou não consciência disso, estes 20 anos foram anos de mudança. Somos um país que já mudou.

Nesta evolução, também as gerações se vão rendendo.

É hoje adulta a juventude de ontem e a juventude de agora era então infância. As novas gerações vivem, na realidade de hoje, sem totalmente se aperceberem de Abril. Por isso, porque é necessário que a mudança continue, é indispensável que se tenha presente que os quadros de referência em que a juventude cresceu, a memória que não tem do passado recente, limitam a compreensão dos absurdos condicionamentos em que viveram as gerações anteriores. Para ela, os valores que estiveram na génese do 25 de Abril são dados adquiridos, cuja repetição no discurso de cada dia soa a redundância.

A afirmação do 25 de Abril tem de passar por aquilo que, nele implícito, está ainda por cumprir.

Fazendo uma pedagogia inteligente, aliciante, inovadora, dos valores conquistados e do que significaria a sua liquidação. Mas dando, fundamentalmente, resposta aos anseios da juventude, compreendendo o seu inconformismo, alimentando a sua generosidade. Anseios que, a partir das



liberdades adquiridas, se identificam com segurança no emprego e no salário, com a paz, com uma vida digna para todos. Inconformismo que saudavelmente persistirá, enquanto não se encontrarem soluções para problemas que ameaçam o futuro, relacionados com a escola, a habitação, a saúde, os transportes, a burocracia. Generosidade que está disponível para causas como a conservação da natureza, o combate à discriminação sexual, a cultura liberta de tabus, o aproveitamento dos tempos livres, o convívio aberto e sem fronteiras.

A transformação da sociedade passa essencialmente por aí.

Orgulhamo-nos do 25 de Abril mas, parafraseando Garret, diríamos que ele não pode ser só o que foi, nem pode cristalizar no que é, sob risco, até, de negar o que foi. Tem de se prolongar no futuro.

Aproprie-se a juventude do 25 de Abril, cultive os seus valores fundamentais e que estes constituam as referências dominantes na solução dos seus problemas concretos.

A democracia portuguesa, filha do 25 de Abril, é demasiado jovem. No entanto, ela é já, para a nossa geração, um raro privilégio na história portuguesa. Queremos que os jovens sejam ainda mais privilegiados, tendo toda uma vida de liberdade e democracia. Cabe-nos, a todos, fazer do 25 de Abril de 1974 um verdadeiro ponto de viragem e inflexão da nossa história comum, como o dia em que varremos, em definitivo, da herança dos portugueses, as lágrimas de mais opressões. Construindo o Portugal justo, fraterno, solidário, próspero e feliz, pelo qual todos ansiamos, e que esteve na origem, tão simples e tão sincera, da criação do Movimento das Forças Armadas.

Abril, 1994

ASSOCIAÇÃO 25 DE ABRIL